



## A Representação Social do Popular na Mídia Televisiva: O Caso do Programa “Esquenta!” da Rede Globo

Iasmin de Simas Pinheiro<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo ilustra a questão das representações populares na mídia televisiva, tendo como objeto de estudo o programa “Esquenta!” da Rede Globo de Televisão. Neste trabalho verificamos como se dá o retrato da imagem do popular na televisão, mais especificamente na TV Globo. Além disso, buscamos salientar a questão da identificação das camadas populares com os programas de auditório, que estão presentes na televisão desde a década de 1960. Estudaremos a questão da espetacularização de determinadas construções sociais como o “popular” com base no caso do “Esquenta!”.

**Palavras-chave:** “Esquenta!”; Televisão (TV Globo); Espetáculo.

### 1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo analisar as representações sociais na mídia televisiva, tendo como objeto de estudo o programa “Esquenta!” da Rede Globo de televisão. Para isso exemplificaremos primeiramente a questão da identificação que as camadas populares possuem com os programas de auditório. Além disso, abordaremos a forma na qual a emissora representa essas camadas mais populares da sociedade, para tanto iniciaremos com um breve histórico de como foi construída a identidade desses programas, ditos de auditório, no país.

Entre gêneros, categorias e formatos um exemplo de programa que está há bastante tempo na grade de programação das emissoras de televisão é o programa de auditório, esse surgiu na década de 1960 e revelou nomes importantes no cenário da comunicação

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Estácio de Sá-UNESA, email: [iasmin@hotmail.com](mailto:iasmin@hotmail.com)

brasileira como: Dercy Gonçalves, Moacyr Franco, Hebe Camargo, Abelardo Barbosa (Chacrinha), Silvio Santos, Bibi Ferreira, entre outros.

O que difere um programa de auditório de um programa “convencional” é a presença de uma plateia que interage a todo o momento com o apresentador, por meio de brincadeiras, perguntas, gincanas, provas entre outros. Os programas de auditório possibilitaram a participação das camadas populares na televisão, pois valorizam tudo aquilo encontrado no universo popular que é menosprezado pelas classes dominantes.

Mesmo considerando este poder do moderno frente ao popular na composição dos Programas de Auditório, o espaço midiático conquistado, então, pelo universo popular consegue despertar um sentido de pertencimento (Sousa, 1999) nas classes subalternas, valorizando tudo aquilo que faz parte de seu mundo excluído na sociedade moderna capitalista: a linguagem, a estética, os assuntos de interesse, as carências sociais, sua ética, sua solidariedade que, enfim, formam o que é, realmente, sua imagem (TORRES, 2005)

Esse universo popular de acordo com Martín-Barbero (2006) passou a ser denominado de cultura de massa.

Massa designa, no movimento da mudança, o modo como as classes populares vivem as novas condições de existência. (...) E de massa será chamada a cultura popular. Isto porque no momento em que a cultura popular tender a converter-se em cultura de classe, será ela mesma minada por dentro, transformando-se em cultura de massa. (...) A cultura mudou de profissão e se converteu em espaço estratégico da hegemonia, passando a mediar, encobrendo as diferenças e reconciliando os gostos. (...) A cultura de massa foi construída acionando e deformando ao mesmo tempo sinais da identidade da antiga cultura popular e integrando ao mercado as novas demandas das massas. (...) O massivo foi gerado lentamente a partir do popular (BARBERO 2006, p. 181).

Ainda de acordo com Martín-Barbero (2006), para o Ocidente, o popular se constitui como cultura durante a Idade Média, porém apenas nos séculos XIX e XX essa denominação foi atribuída à cultura de massa. Segundo o autor supracitado, quando o termo “popular” era usado, a tendência era associá-lo a tudo aquilo que era diferente de cultura, ou seja, era completamente oposto à palavra “culto”. Sendo assim, Bourdieu (2006) defende o conceito de “distinção”, pois para ele é a distinção que torna os sujeitos participantes de comunidades de gostos, posturas, hierarquias sociais, de classe entre outros. A cultura nada mais é do que produto dos diferentes tipos de gosto. Entretanto, o autor afirma que essa distinção pode ocasionar o que ele mesmo chama de *etnocentrismo de classe*, que é o que acontece quando há uma divisão de classes e uma negligência a outra, sem reconhecer que pode haver gostos diferentes.

De fato, por intermédio das condições econômicas e sociais que elas pressupõem, as diferentes maneiras, mais ou menos separadas ou distantes, de entrar em relação com as realidades e as ficções, de acreditar nas ficções ou nas realidades que elas simulam, estão estreitamente associadas às diferentes posições possíveis no espaço social e, por conseguinte, estreitamente inseridas nos sistemas de disposições (*habitus*) características das diferentes classes e frações de classe. O gosto classifica aquele que procede a classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas. (BOURDIEU, 2006, p. 13)

Segundo França (2004), uma das principais características dos programas de auditório é a noção de cotidiano, sobre isso a autora destaca:

(...) é da vivência cotidiana dos personagens convocados que eles se alimentam. E o que é mesmo o cotidiano? Entendemos o cotidiano como lugar da experiência, do vivido; lugar das partilhas e dos enfrentamentos; igualmente um lugar da constituição dos laços e da sociabilidade. Falar do cotidiano é falar de um trabalho de construção de um lugar no mundo. Nesse sentido, ao alimentar-se do cotidiano, esses programas – bem ou mal – falam e nos remetem para a dramaticidade do mundo real<sup>2</sup>, e para os movimentos (as convulsões e ruídos) que compõem esse mundo. (FRANÇA, 2004, p. 3- 4)

Será destacada a edição do dia 8 de janeiro de 2012, a fim de evidenciar a maneira como a emissora retrata a população que está inserida nas camadas mais populares da sociedade.

## 1. Histórico do programa “Esquenta!”

Apresentado por Regina Casé, o “Esquenta!” é um programa de auditório veiculado sempre aos domingos pela Rede Globo de televisão. A equipe do programa é composta por: Regina Casé, que além de apresentadora faz parte da equipe de criação do programa junto com Hermano Vianna, o diretor de núcleo Guel Arraes e a diretora Monica Almeida. O programa começou a ser exibido no dia dois de janeiro de 2011 e o primeiro episódio contou com a participação dos cantores Zeca Pagodinho, Gilberto Gil, Preta Gil, do ator Cauã Reymond, dos humoristas Marcius Melhem e Leandro Hassum, entre outros.

A primeira temporada do Esquenta foi exibida durante todo o verão de 2011, totalizando 13 episódios. Desde o ano passado até este ano, o programa sofreu algumas modificações. Em 2011 os únicos participantes “fixos” do programa eram os músicos Arlindo Cruz, Leandro Sapucahy, Mumuzinho e o ator Douglas Silva. Já em 2012, os artistas citados anteriormente permaneceram, porém outros participantes foram integrados

ao elenco como: a cantora Preta Gil, as líderes comunitárias do Morro do Cantagalo Maíra e Camila, além do humorista e redator do programa Fábio Porchat. Esses personagens fazem parte de um júri que avalia o desempenho dos participantes do quadro “Calourão”. Este quadro foi mais uma aposta do programa para o ano de 2012. Cada participante deve mostrar seu talento, sendo avaliado pelos jurados supracitados.

Outra mudança do ano de 2011 para o de 2012 foi a criação de uma biblioteca, que ficou conhecida como a “Biblioteca do Esquenta!”. A intenção era que cada participante ou convidado autografasse e levasse um livro considerado especial, e explicasse o porquê desse sentimento. Desde o início dessa temporada até o final, foram arrecadados 100 exemplares (inclusive com um livro em braile) que serão distribuídos para todos àqueles que possuem pouco ou praticamente nenhum acesso à leitura. A iniciativa é da Biblioteca Nacional, e o projeto chama-se “Caminhos da Leitura”, que consiste na realização de 30 feiras de livros em várias cidades do interior do país. Vale lembrar que essa biblioteca é itinerante, e que ela percorrerá todo o trajeto de caminhão. Entre os livros arrecadados estão: “O Ócio Criativo (doado por Ricardo Gama), “Minha Fama de Mau” (doado por Erasmo Carlos), “Cem Anos de Solidão” (doado por Dudu Bertholini), “Da Favela para o Mundo” (doado por Maíra), “O Mistério do Samba” (doado por Regina Casé) entre outros.

A televisão é um veículo muito abrangente, e uma de suas principais características é o alcance. O alcance em televisão não está relacionado à distância, mas a quantidade de pessoas que ela consegue atingir com suas informações, por isso a linguagem deve ser acessível a todos. A TV não faz distinções entre classe social. O “Esquenta!” parece seguir esse exemplo, pois a principal característica do programa é a diversidade. Participantes de diferentes classes sociais, religiões, culturas etc. interagem no palco do programa, proporcionando aos telespectadores o conhecimento de hábitos diferentes daqueles que estão acostumados. Com isso, o programa permite também que os telespectadores ampliem seu conhecimento sobre os mais variados assuntos, pois o “Esquenta!” aborda diferentes assuntos sob diversos pontos de vista. Uma frase bastante utilizada pela apresentadora Regina Casé durante a segunda temporada do programa foi: “O que o mundo separa, o Esquenta une”. Muitas pessoas que aparentemente não tinham nenhuma afinidade em comum descobrem que gostam das mesmas coisas ao se encontrarem no palco do programa, o que chama mais atenção é que na maioria das vezes isso aconteceu entre pessoas de classes sociais muito diferentes.

Com uma gama de assuntos variados a serem abordados no programa, parece não haver espaço para visões preconceituosas, por isso o “Esquenta!” realiza uma “campanha” desde a primeira temporada, em 2011 contra todos os tipos de preconceito: o “Xô Preconceito”. Um dos episódios que pode ilustrar essa afirmação foi o do dia primeiro de janeiro de 2012, em que a apresentadora Regina Casé promoveu uma verdadeira festa ecumênica no palco do programa. Os convidados foram: a pastora Ana Lúcia, padre Renato, baianas e o rabino Nilton Bonder. Para atrair boas energias para o início do ano, as baianas lavaram o palco do programa com água de cheiro ao som da música “Oferendas” cantada pelos sambistas Arlindo Cruz e Teresa Cristina.

## 2. Regina Casé como apresentadora: a voz autorizada do popular na Rede Globo

Neta do radialista Ademar Casé, Regina Casé nasceu no dia 25 de fevereiro de 1954 em Botafogo, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Em 1970 ela se inscreveu no curso de teatro de Sergio Britto, e quatro anos depois, com a ajuda de seu pai, cria o grupo de teatro Asdrúbal Trouxe o Trombone. O Grupo estreou com a peça “O inspetor geral” e Regina ganhou o prêmio Governador do Estado como atriz revelação do espetáculo.

Em 1978, a atriz deixou os palcos e passou a atuar no cinema, com uma pequena participação no filme “Chuvas de verão” de Cacá Diegues. Mais tarde, no mesmo ano, ela foi escalada por Arnaldo Jabor para um papel de maior destaque no filme “Tudo bem”. A partir daí Regina Casé começou a ser convidada para muitos filmes, além de ter feito participações na televisão, isso ajudou a popularizar a imagem da atriz.

No ano de 1983 Regina Casé atuou em sua primeira novela, “Guerra dos Sexos” de Sílvio de Abreu, além de ter participado do Sítio do Pica-Pau Amarelo e do “Chico Anysio Show”. Três anos depois ela interpretou sua primeira grande personagem em uma novela “Albertina Pimenta” ou “Tina Pepper” na novela “Cambalacho”, escrita por Sílvio de Abreu e dirigida por Jorge Fernando.

A carreira da atriz começou a ganhar proporções maiores na televisão, e no ano de 1988 ela participou de um dos maiores programas de humor da televisão brasileira a “TV Pirata”. Na década de 1990, Regina Casé conheceu o Dj Marlboro e isso proporcionou um contato maior da atriz com o funk. Ela gravou o “Melô do terror” com Luís Fernando Guimarães, a música foi tema do “Programa Legal”, exibido pelo SBT e apresentado pela

dupla supracitada. O programa foi ao ar entre os anos 1991 e 1992 e Regina Casé ganhou o Troféu Imprensa como comediante do ano.

A década de 1990 foi muito importante para Regina Casé, pois foi nessa época que a atriz consolidou sua carreira como atriz de cinema, teatro, televisão e apresentadora. Em 1994 ela estreou o primeiro programa de televisão exclusivamente seu, que se chamava “Brasil Legal”. Inicialmente, o programa fez parte da programação de fim de ano da Rede Globo de televisão, mas em 1995 ele passou a fazer parte da grade fixa da emissora. O fim do programa foi em 1998, porém, no mesmo ano outro programa da apresentadora estreou na emissora, com o nome de “Muvuca”. O programa começou a ser gravado no bairro do Humaitá, no Rio de Janeiro, porém este também teve alguns capítulos gravados em alguns estados do Brasil, Miami e Trinidad e Tobago. Em 2000 o programa deixou de ser exibido.

Nos anos 2000, Regina Casé voltou para a dramaturgia atuando em mais uma novela, e dirigindo junto com Fernando Meirelles o episódio “Wólace e João Vitor”, que mais tarde daria início ao seriado “Cidade dos Homens” exibido pela Rede Globo. Em 2006, ela estreou mais um programa, chamado “Central da Periferia”, em que ela viajava pelo Brasil e mostrava as periferias de cidades como: São Paulo, Recife, Salvador e Belém. Em 2007, Regina Casé estreava um quadro dentro do Fantástico chamado: “Minha periferia é o mundo”, que funcionava como uma extensão do programa anterior, só que dessa vez, fazendo reportagens internacionais. Enfim, no ano de 2011 estreou na Rede Globo de televisão o programa “Esquenta!”. Também apresentado por ela, o programa reúne personagens famosos e populares proporcionando aos telespectadores um intercâmbio cultural.

Ao que parece, Regina Casé é realmente considerada como a voz do popular na emissora em que trabalha, ela parece ser a pessoa mais “indicada” na TV Globo para tratar de temas populares, pois ao que tudo indica, pelo histórico dos programas apresentados, o público acaba se identificando com ela. Até o modo como Regina Casé fala, parece causar no público uma identificação, justamente por não utilizar palavras rebuscadas, ela consegue fazer com que o público entenda e assimile as informações que transmite. Grande parte dos programas apresentados por ela, e até mesmo os personagens que a atriz interpretava nas novelas também tinham uma tendência ao popular. Até os nomes dos programas remetem a isso, como: “Muvuca”, “Central da periferia” e “Minha periferia é o mundo”.



No seriado “Cidade dos Homens” os personagens “Laranjinha” e “Acerola” eram vividos pelos atores Darlan Cunha e Douglas Silva, respectivamente. Na série era retratado o cotidiano de dois meninos que moravam em uma comunidade carente, e Regina Casé foi responsável pela direção de dois desses episódios: “Tem que ser agora” em 2003, “Pais e filhos” em 2004, além de “As aparências enganam” em 2005. Mesmo quando Regina Casé dirige em vez de atuar, o universo popular está presente mais uma vez na vida da artista.

Para Regina Casé, retratar o universo popular em seus programas parece ser muito importante, e essa importância foi retratada no programa “Central da Periferia”, que segundo a apresentadora, engloba um pouco de todos os outros programas que ela havia feito. Sobre o programa a apresentadora destaca:

O Central é fruto de todas as coisas que eu vinha fazendo na televisão: como o Brasil total, o Cidade dos homens, os quadros do Fantástico, o Brasil legal. Foi a forma que encontramos de concentrar tudo isso, focando na periferia. Fazemos uma espécie de militância intencional mesmo, onde procuramos descriminalizar o espaço da favela e da periferia, onde a maioria das pessoas só passa com o vidro fechado e com a trava do carro travada e mostrar que, mesmo que dali, 10% da população seja de bandidos, existem outros 90% que têm que ir para a escola, para o trabalho. E que se a gente acha que a vida gente tá mal com a violência, imagina quem vive ali<sup>2</sup>.

Poucos artistas parecem se identificar com as camadas populares como ela, tanto que em 2009, foi homenageada pela escola de samba paulista Leandro de Itaquera, com o samba: “Leandro de Itaquera faz a festa das periferias do Brasil para o mundo... Salve, salve nossa estrela Regina Casé”. O samba conta sobre a relação que a apresentadora tem com as classes menos favorecidas.

O programa “Esquenta” parece possuir uma identificação bem forte como universo popular, tanto que a atriz Taís Araújo afirmou ter assistido bastante ao programa para ajudá-la a compor sua personagem para a novela das 19h da Rede Globo, “Cheias de Charme”. Na trama, Taís Araújo vive a personagem Penha, que é empregada doméstica, e segundo a atriz é bastante batalhadora. “Ela é guerreira, trabalha em casa de família desde os 12 anos. Penha gosta do trabalho dela, tem orgulho”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.reginacase.com.br/vida>. Último acesso em: 17/06/12.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://videoshow.globo.com/VideoShow/Noticias/0,,MUL1679670-16952,00-TAIS+ARAUJO+SOBRE+CHEIAS+DE+CHARME+O+LEGAL+E+ABORDAR+A+VIDA+DAS+EMPREGADAS.html>. Último acesso em: 17/06/2012

### 3. “Esquenta!” entre espetáculo e grotesco

Vivemos em uma sociedade capitalista, e a lógica estabelecida por esse sistema de produção faz com que os indivíduos pensem que aquilo que eles são, ou o que eles possam vir a ser, depende da quantidade de mercadorias que eles podem consumir. Isso para Guy Debord (2003) é chamado de “sociedade do espetáculo”, um tipo de sociedade em que a mercadoria (que é uma forma de representação ao ser usada e consumida) entra em todos os setores sociais e passa a ser considerada mais importante dos que as necessidades de cada um.

Onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência para *fazer ver* por diferentes mediações especializadas o mundo que já não é diretamente apreensível, encontra normalmente na visão o sentido humano privilegiado que noutras foi o tato; a visão, o sentido mais abstrato, e o mais mistificável, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual. Mas o espetáculo não é identificável ao simples olhar, mesmo combinado com o ouvido. Ele é o que escapa à atividade dos homens, à reconsideração e à correção da sua obra. É o contrário do diálogo. Em toda parte onde há *representação* independente, o espetáculo reconstitui-se. (DEBORD, 2003, p. 19)

O espetáculo não são as imagens em si, mas sim quando essas imagens passam a definir parâmetros para a vida dos indivíduos. A sociedade em que predomina o espetáculo citado pelo autor é a sociedade industrial, marcada fortemente pelo consumo em grande escala para a manutenção do sistema capitalista. A mecanização abstraiu o homem do processo produtivo, e conseqüentemente ele não se reconhece mais naquilo que produz, é como se a mercadoria produzida por ele mesmo, causasse um estranhamento.

A alienação do espectador em proveito do objeto contemplado (que é o resultado da sua própria atividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele compreende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta (...). O espetáculo na sociedade representa concretamente uma fabricação de alienação. A expansão econômica é principalmente a expansão da produção industrial. O crescimento econômico, que cresce para si mesmo, não é outra coisa senão a alienação que constitui seu núcleo original. O homem alienado daquilo que produz, mesmo criando os detalhes de seu mundo, está separado dele. Quanto mais sua vida se transforma em mercadoria, mais se separa dela (DEBORD, 2003, p. 25 – 27).



O ato de construção de valores só é possível por meio dos signos, e os meios de comunicação são responsáveis por disseminar esses signos, pois, quem dita os signos de uma sociedade, designa também seu poder. Os signos podem ser caracterizados como uma representação da realidade, segundo Debord (2003). O ato da representação caracteriza uma relação de poder, por isso, chegamos à conclusão que todo o sistema de representação está dentro de uma esfera, que é a esfera de poder. Sobre isso, Foucault afirma:

O poder deve ser analisado como algo que circula, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação: nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT *apud* FISCHER, 2001, p. 593)

Conforme dito por Foucault o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Porém, os meios de comunicação de massa exercitam práticas de poder, disseminando à sua maneira outras relações de poder. Quando um *media* impõe um padrão, automaticamente ele impõe também uma identidade, e quanto mais distante deste padrão, mais excluído o ser humano se torna. A partir dessas informações, podemos perceber, o porquê da influência dos meios de comunicação de massa sobre a vida dos indivíduos.

Um dos meios de comunicação de massa mais utilizados para difundir a cultura é a televisão, pelo alcance que este veículo possui. Por meio dele, milhares de pessoas têm acesso ao mesmo tipo de informação independente da classe social em que elas se encontrem. Justamente pelo motivo citado acima, podemos dizer que a televisão foi responsável pela democratização da informação e proporcionou a expressão das “minorias”, caracterizadas como massas.

Uma das formas de difundir e expressar os valores da cultura popular foram os programas de auditório, em que os indivíduos interagem por meio de provas, concursos, jogos entre outros. Nesse tipo de programa, todo conteúdo veiculado é destinado ao universo das classes menos favorecidas. Como exemplo de programa de auditório que valoriza o universo popular, temos o “Esquenta!” apresentado por Regina Casé.

#### 4. Análise da edição do dia 8 de janeiro de 2012: o caso das “Néns” do “Esquenta!”

Uma das modificações do programa de 2011 para 2012 foi o quadro “Calourão”, em que os convidados participam de alguma prova, ou concurso. O “Calourão” do dia 8 de janeiro de 2012 elegeu a participante mais “ném” do programa. Eram cinco participantes: Isabel, Michele, Késia, Raquel e Laila, todas com idade entre 18 e 24 anos. Para homenagear as candidatas, Regina Casé pediu ao DJ do programa que escolhesse um funk para que as meninas dançassem. A música escolhida foi: “Vai arrasa ném” 39 de Mc Marcinho. Os quesitos utilizados no julgamento foram os seguintes: visual “ném” e modo de falar. A vencedora do concurso foi Laila “tanajura”, e os atributos que lhe renderam o título foram: tatuagens com o nome da família (inclusive do da filha no antebraço), megahair, marca de biquíni feita na laje de casa além do modo de falar. Laila ganhou um capacete como prêmio para andar de moto- taxi na comunidade onde mora.

A edição do dia 8 de janeiro de 2012 teve praticamente todas as atrações musicais voltadas para a classe popular, com ritmos como funk, pagode e forró. Essa edição do programa pareceu ser bastante engraçada, porém em entrevista ao site: [observatoriodefavelas.org.br](http://observatoriodefavelas.org.br)<sup>4</sup>, a jornalista Alexandra Silva deu o seguinte depoimento: “A Regina tem carisma e até me parece muito autêntica quanto à proposta de mostrar os subúrbios e favelas. Agora, não sei se é uma decisão da emissora ou da direção do programa estigmatizar comportamentos presentes nas comunidades. Um exemplo foi a eleição das chamadas ‘Néns’, garotas ‘vestidas para ir ao baile funk’, cheias de maneirismos, falando errado e servindo de chacota. É isso que é ser garota de favela? Acho que as favelas têm coisas mais interessantes para se mostrar.”

As “néns” ou as “periguetes” podem até ser uma maneira de expressão de pessoas que moram ou não em uma comunidade, porém, nem todos os moradores necessitam ser representados dessa maneira. Morar em uma favela pode ser considerado apenas um detalhe, e isso não significa que as pessoas que moram lá devem falar errado, se vestir ou se comportar de maneira não adequada etc. Assim, percebemos que há uma tentativa de construção hegemônica da representação que a mídia faz de indivíduos da classe popular, e, neste caso, das mulheres de classes menos favorecidas.

---

<sup>4</sup>Disponível em: [http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/noticias/mostraNoticia.php?id\\_content=1183](http://www.observatoriodefavelas.org.br/observatoriodefavelas/noticias/mostraNoticia.php?id_content=1183). Último acesso em: 17/06/12.

A atribuição de apelidos a pessoas que moram em comunidades pode ter sido uma tendência ao grotesco, o que, de acordo com Muniz Sodré, pode ser definido da seguinte maneira:

Mas o grotesco dos programas de tevê brasileiros se configura como uma disfunção social e artística, de tipo especialíssimo, que poderíamos chamar de grotesco escatológico. Aqui, o ethos é de puro mau-gosto. Por quê? Porque o valor estético de crítica e distanciamento é anulado por uma máscara construída com falsa organicidade contextual. (SODRÉ, 1971, p. 73)

Também devemos levar em consideração a questão do funk no programa. O movimento funk surgiu como uma forma de expressão, e principalmente no Rio de Janeiro, o ritmo ganhou voz nas favelas, mas não necessariamente quem gosta de funk deve se comportar da maneira que foi mostrada no programa. Nem o ritmo, e nem o lugar de onde as pessoas vêm, deveria servir como justificativa para a maneira como elas agem. Sobre a representação da mulher pelos meios de comunicação, principalmente pela televisão, podemos afirmar que os mass media possuem o papel de formar identidades, representações entre outros, e com isso articulam conceitos sobre poder.

Aceitamos que a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos – pressuposto que se fundamenta na articulação dos conceitos de poder, saber e sujeito feita por Michel Foucault (FISCHER, 2001 p. 588) .

Por meio dos exemplos vistos acima, pudemos evidenciar a maneira como a mídia cria construções estereotipadas para tentar classificar os indivíduos, principalmente aqueles que pertencem às camadas menos favorecidas da população. Para isso, ela se utiliza de imagens, construções de valores e atribuições de sentido que também são importantes formas de representação.

## 5. Considerações Finais

Este trabalho pretendeu investigar a representação da cultura popular nos programas de auditório, e ao longo desse estudo, pudemos perceber que é justamente nos programas de auditório que as camadas populares se reconhecem e se expressam. É o único tipo de programa que permite a participação ativa dos indivíduos, que normalmente são representados por uma plateia. Eles participam por meio de jogos, perguntas e respostas, provas, gincanas entre outros.

Partindo para o nosso objeto de estudo, o “Esquenta!” parece realmente cumprir com o estigma de programa popular. Regina Casé possui uma vasta experiência apresentando programas desse tipo, o que parece ter conferido a mesma, o título de voz autorizada do popular na emissora em que trabalha. A Rede Globo de Televisão parece ser a emissora mais elitista da TV aberta brasileira, porém a apresentadora parece conseguir “humanizar” um pouco mais a imagem da emissora por meio de programas como este.

Representar a camada popular não é uma tarefa muito fácil, mas a apresentadora consegue a seu modo aproximar pessoas de classes sociais totalmente diferentes, que possuem gostos parecidos, e que jamais descobririam isso se não fosse por meio do programa. Regina Casé foi uma das únicas na emissora em que trabalha a representar e valorizar a cultura afrodescendente brasileira.

“Ao contrário da premissa crucial da tradição crítica, que afirma que quando certa visão de mundo é manifestada por grupos dominantes ganha credibilidade” (Robert A. White, 1998), Regina Casé mostra que o pobre também pode se manifestar, e é inclusive por meio dos conhecimentos transmitidos por ela que essas manifestações acontecem. Isso se dá pela identificação que muitos telespectadores têm com ela. A mídia consegue produzir um discurso capaz de influenciar e uniformizar a todos, isso ocorre principalmente pela televisão, que é o maior veículo de comunicação de massa do país. Quando esse discurso é feito por uma pessoa que consegue agradar tanto a classe popular e, quanto a classe mais elitizada, este casamento ocorre perfeitamente, e atinge um número muito maior de pessoas.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho pudemos evidenciar como se dá a representação das camadas populares na mídia televisiva, e analisando nosso objeto de estudo chegamos à conclusão de que ele é atualmente uma das maiores formas de expressão popular na televisão brasileira, e que o espaço promovido pela apresentadora Regina Casé é o que permite esta expressão. Poucos programas de auditório representam elementos significativos da cultura popular como este. Alguns programas populares apelam para o sensacionalismo, protagonizando brigas e desentendimentos na televisão. Grande parte dos programas de auditório tem em seu cerne uma característica marcante, que é uma tendência ao grotesco. Não que o grotesco não apareça em outros cenários da mídia televisiva, mas nos programas de auditório ele se torna mais evidente. O “Esquenta!” não foge a esse modelo. Em suas duas temporadas existiram episódios com alguma tendência ao grotesco e à espetacularização da imagem de seus participantes, dos

personagens midiáticos e indivíduos de determinados grupos sociais que o programa visa retratar.

Nos programas que apresentou Regina Casé, procurou mostrar o que acontecia de mais interessante no universo popular, o que era “moda” para eles, o modo de falar dessas pessoas, os gostos, os costumes, enfim características que representavam as pessoas que constituíam aquele universo, e no “Esquenta!” não foi diferente. Muitas vezes, em alguns programas ou até mesmo nos noticiários, a classe popular é representada de maneira negativa, ou simplesmente nem é mostrada. Em alguns casos as classes menos favorecidas são negligenciadas pela mídia, a não ser quando se quer espetacularizar uma situação.

Todavia, chegamos à conclusão de que o “Esquenta!” é realmente um dos programas de maior forma de expressão popular que existe na televisão aberta atualmente. O programa que surgiu durante o verão de 2011 buscou em sua primeira temporada evidenciar uma das comemorações mais populares do Brasil, o Carnaval. Mas não mostrou-se apenas o carnaval do Rio de Janeiro, mas também o da Bahia, e o de Pernambuco, o que confirma a diversidade cultural que o programa proporciona. Ao unir elementos da cultura popular com elementos de uma cultura elitizada, Regina Casé consegue descobrir que ambos podem gostar das mesmas coisas, isso sem o “etnocentrismo de classe” a que se refere Bourdieu (2006). O “Esquenta!” busca promover a representação e a disseminação da cultura popular, sem preconceitos, mostrando que essa cultura pode ser boa, que possui muitos valores e que esta possui principalmente o direito de se expressar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2006. 549p.

DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>. Último acesso em: 17/06/12.

FRANÇA, V.V. **Representações, mediações e práticas comunicativas**. In: PEREIRA, Miguel *et.al.* (orgs.). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Ideias & Letras, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A Comunicação Do Grotesco Introdução à cultura de massa brasileira**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

### Artigos em periódicos

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **MÍDIA E EDUCAÇÃO DA MULHER: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE MODOS DE ENUNCIAR O FEMININO NA TV**. Brasília, p. 586-599, mai/jun 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642.pdf>>. Último acesso em 23/06/12.

WHITE, Robert A. **RECEPÇÃO: A ABORDAGEM DOS ESTUDOS CULTURAIS**. In **Comunicação e Educação**, São Paulo, p. 57 – 76 mai/ago, 1998.

### Textos da Internet

Regina Casé – Vida. Disponível em: <<http://www.reginacase.com.br/vida>>. Último acesso em: 25/06/12.

Taís Araújo sobre Cheias de Charme: Disponível em: <<http://videoshow.globo.com/VideoShow/Noticias/0,,MUL1679670-16952,00TAIS+ARAUJO+SOBRE+CHEIAS+DE+CHARME+O+LEGAL+E+ABORDAR+A+VIDA+DAS+EMPREGADAS.html>>. Último acesso em 25/04/12

TORRES, Lígia Carmen. **Programas de Auditório: a Resistência da Expressão Popular**. Disponível em: <<http://200.2.115.237/spip.php?article841>>. Último acesso em: 16/06/12.